

UM LIVRO PARA PENSAR A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS ENREDOS DA HISTÓRIA NO ALTO SERTÃO DA BAHIA

NOGUEIRA, Maria Lúcia Porto Silva. **Mulheres, história e literatura em João Gumes: Alto sertão da Bahia, 1897-1930.** Prefácio de Maria Odila Leite da Silva Dias. São Paulo: Intermeios, 2015. (Coleção EntreGêneros)

Ainda são poucas as publicações sobre a participação das mulheres nos enredos da história, principalmente, na história do Alto Sertão da Bahia – lugar de encontro e de relações na região semiárida do estado. Isto porque “a” história teve muitos dos seus registros feitos por homens e para os homens. Todavia, obras como “Mulheres, história e literatura em João Gumes: Alto sertão da Bahia, 1897-1930”, escrita por Maria Lúcia Porto Silva Nogueira, são capazes de proporcionar outras leituras da realidade que nos permitem conhecer não apenas um enredo, mas enredos onde as mulheres estiveram e fizeram-se presentes.

Para produzir sua leitura da história para homens e mulheres do agora, a autora utilizou-se da análise das relações de gênero no Alto Sertão da Bahia. Neste sentido, o livro, síntese da pesquisa de mestrado realizado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, presenteia leitores e leitoras com um conteúdo que dá visibilidade, ao mesmo tempo, às mulheres sertanejas de carne e osso, como escreveu Maria Odila Leite da Silva Dias no prefácio, e ao contexto do Alto Sertão da Bahia – muito bem retratado no primeiro dos três capítulos que compõem o livro. Mostra, pois, que “a” história tem mais personagens do que os conhecidos e que seus enredos ocorrem em muitos espaços.

No caso do espaço do Alto Sertão Baiano, cuja aparência era de lentidão nos ritmos das mudanças que vinham ocorrendo de forma acelerada nas grandes cidades brasileiras na virada do século XIX para o século XX, Maria Lúcia busca mostrar uma realidade multifacetada e não menos contraditória, permeada por enredos marcados pelas ressonâncias de todos os acontecimentos desse momento.

Como uma historiadora de olhar multidisciplinar, Maria Lúcia fez uso de fontes compostas, especialmente, pelas obras literárias e jornalísticas de João Antônio dos Santos Gumes (1858-1930) que a autora apresenta em seu livro como “o sertanejo intelectual”. É a partir das obras desse literato e jornalista, cujo acervo se encontra disponibilizado no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC), que a pesquisadora estuda as relações de gênero no Alto Sertão Baiano nas três primeiras décadas do século XX. Assim, evidencia práticas culturais e tensões sociais, o sistema de valores,

Tatyanne Gomes Marques

DEDC, UNEB. Email: tatymarques@yahoo.com.br

Sonia Maria Alves de Oliveira Reis

DEDC, UNEB. Email: sonia_uneb@hotmail.com

hábitos e atitudes que permeavam a vida de homens e mulheres na sociedade da época.

É perceptível a leitura que Maria Lúcia Porto Silva Nogueira, como mulher e pesquisadora, faz na construção do enredo do livro. Nesta construção, ela nos apresenta os papéis e lugares de homens e mulheres na sociedade alto sertaneja na época retratada. Sua análise mostra a participação das mulheres “de posses”, das mulheres pobres e ex-escravas, do campo e cidade, na história que se construía no Alto-Sertão Baiano no final do século XIX e início do século XX.

É o olhar de mulher e pesquisadora que permite a Maria Lúcia analisar as relações de gênero nesse contexto a partir das obras de Gumes. Afinal, como homem do seu tempo, as obras de Gumes não tiveram como tema central as mulheres, mas elas estavam lá “ele as incluía em suas tramas num jogo de fortes oposições, caminhando entre os modelos idealizados de mulher, mãe, dona de casa virtuosa para o oposto de mulheres desqualificadas e destituídas dos valores morais inculcados pela boa educação” (NOGUEIRA, 2015, p. 166). A autora enxergou nos enredos de Gumes a “mulher rica” – apresentada como má, exploradora dos empregados domésticos, cheia de artimanhas contra os inimigos e, socialmente, descrita por Gumes como “uma figura de ornamento”; a “mulher pobre” – solidária, caridosa, um poço de virtudes; e as “mulheres ex-escravas” - subservientes e “enredadeiras”, como também fiéis e dedicadas. Assim, Nogueira (2015, p. 166) ressalta:

O modelo defendido pelo narrador passa pela retidão de caráter da mulher honesta que sabe se fazer respeitada, cuja conduta prioriza a autoridade masculina do pai ou do marido. Admite que a mulher tenha poderes, mas no espaço restrito do lar e, socialmente, devem ser recatadas e obedientes, colocando a honra familiar acima de tudo; da porta para fora, ou seja, nos espaços públicos, só tem visibilidade quando ligadas ao nome do chefe de família.

Na sua escrita, a citada pesquisadora reconhece que não era objetivo de Gumes, em seus romances, abolir estereótipos sexuais, socioculturais ou denunciar os preconceitos existentes sobre o feminino nas relações sociais. Por isto, ela faz uso de outras fontes como os escritos do Jornal *A Penna*, processos-crimes e obras de memorialistas para ajudar a analisar os espaços em que as mulheres subverteram papéis e criaram contrapoderes, ou seja, fizeram-se presentes. Assim, pela perspectiva feminista das relações de gênero, a autora ajuda a documentar enredos de mulheres, personagens da história no Alto Sertão Baiano, no período analisado, em diversos papéis como de costureiras, lavadeiras, vendedoras, artistas, pintoras, musicistas, professoras, empreendedoras. Evidencia, pois, muitas atividades das quais as mulheres se ocupavam, principalmente, as pobres. No meio urbano, elas eram as tecelãs, fiandeiras, rendeiras, quituteiras, trabalhavam nos serviços domésticos como lavadeiras, aguadeiras, cozinheiras. No meio rural, trabalhavam na lavoura,

nos engenhos, no fabrico da farinha de mandioca e seus derivados. A autora enxerga nas obras de Gumes a particularidade das ex-escravas que foram alforriadas pelos seus senhores como forma de garantir os seus serviços por tempo indeterminado. O livro nos mostra ainda as mulheres sertanejas na educação; em múltiplos espaços de sociabilidade; nas práticas de saúde, como os casos das parteiras; mulheres na luta por direito à moradia, etc.

Enfim, para além da dominação masculina, o grande mérito do livro “Mulheres, história e literatura em João Gumes: Alto sertão da Bahia, 1897-1930”, em suas 188 páginas, é colocar as mulheres nos enredos da história no Alto Sertão da Bahia. Para isto, a incursão da metodologia pela perspectiva das relações de gênero foi fundamental. A pesquisadora se mostrou capaz de enxergar os silêncios ou os ditos nas entrelinhas dos escritos analisados para revelar aos leitores e leitoras enredos em que as mulheres estiveram presentes. Mais que isto, fizeram-se presentes.

Maria Lúcia Porto Silva Nogueira revela-se, portanto, nesta obra, uma pesquisadora feminista. Entretanto, o seu livro não é indicado apenas às feministas. O mesmo deve ser lido por acadêmicas e acadêmicos interessados/as em melhor conhecer as múltiplas perspectivas históricas e os papéis das mulheres nos diferentes contextos, como é o caso do Alto-Sertão da Bahia, território ainda pouco explorado por pesquisadores/as que se debruçam em análises das relações de gênero como Nogueira fez, orientada por Maria Odila Leite da Silva Dias. Além de leitores/as da academia, sugere-se a obra a todas as pessoas que desejam conhecer outros enredos e personagens da história, principalmente, os sertanejos e sertanejas da Bahia que conhecem poucos escritos sobre si.